

ELAS NO COMANDO: PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Girlene Ramos de Araújo Souto ¹
Andreilza Barbosa Nunes ²
Fabiana Cristina Freitas da Silva ³
Maricélia Ribeiro Jorge ⁴
Rodrigo Silva de Farias ⁵
Joseval dos Reis Miranda ⁶

RESUMO

O presente artigo vai discorrer a respeito da promoção do letramento literário preconizado por Cosson (2014) e a aquisição da oralidade-letrada, fundamentada em Bortoni-Ricardo (2004), a partir do trabalho com o poema “Vozes-mulheres”, Conceição Evaristo, para fomentar discussões em torno de como a mulher e, principalmente, a mulher negra era e ainda é tratada em nossa sociedade, bem como refletir sobre a misoginia institucionalizada em uma construção social patriarcal que vem sendo perpetuada de maneira estrutural até os dias atuais. Vale ressaltar que a valorização e o trabalho com a oralidade em sala de aula são extremamente importantes e indispensáveis, por se tratar de uma modalidade da língua vista como “natural” e muitas vezes negligenciada, que não é observada como objeto pedagógico da maioria dos professores. E, para além da oralidade, requer uma maior atenção a oralidade-letrada, modalidade de natureza formal e que requer um maior monitoramento da fala e seleção de vocabulário, necessitando da intervenção e orientação do professor. Como instrumento de geração de dados, a fim de conseguir atingir os objetivos, tanto ligados à promoção da oralidade-letrada como do letramento literário, através de obras de autoria feminina, utilizaremos a roda de conversa e a apresentação de seminários sobre a vida e obra das autoras, Carolina Maria de Jesus, Cidinha da Silva, Maria Firmina dos Reis, Lélia Gonzales e Djamila Ribeiro. Logo, após a execução das ações, espera-se que tanto a conscientização de que pequenas atitudes reproduzem atitudes preconceituosas enraizadas e que precisamos combatê-las, bem como desenvolver a oralidade-letrada como promotora de uma comunicação clara, e apropriada para determinadas situações de comunicação mais monitoradas.

Palavras-chave: Letramento literário, Oralidade-letrada; Literatura; Protagonismo feminino.

¹ Mestranda em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, girsouto3@gmail.com;

² Mestranda em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, andreilzabarbosanunes@gmail.com;

³ Mestranda em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, fabiianacristina30@gmail.com;

⁴ Mestranda em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mariceliaribeirojorge@gmail.com;

⁵ Mestrando em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rodrigofarias.prof@gmail.com;

⁶ Professor orientador: Doutor em Educação e professor da UFPB. josevalmiranda@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito apresentar o projeto “Elas no Comando: protagonismo feminino negro na literatura brasileira”, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Veneziano Vital do Rêgo, em Campina Grande-Paraíba. A proposta articula o ensino de Língua Portuguesa, História e Artes, com o objetivo de fomentar o protagonismo feminino negro, o combate à misoginia e ao racismo estrutural, e o desenvolvimento da oralidade-letrada entre os alunos do Ensino Fundamental II.

A iniciativa surge diante de uma realidade social marcada por desigualdades econômicas, violência e preconceitos naturalizados. O projeto propõe a reflexão sobre a representatividade e o respeito à diversidade, utilizando-se de gêneros orais, como a roda de conversa e o seminário, para promover práticas educativas interdisciplinares e dialógicas. A justificativa reside na necessidade de ressignificar o espaço escolar como território de fala, escuta e empoderamento, onde vozes historicamente silenciadas — em especial as de mulheres negras — possam ecoar e inspirar transformação social.

Como objetivos centrais, o trabalho buscou promover o desenvolvimento da oralidade-letrada e o combate às práticas racistas e misóginas, além de incentivar o reconhecimento das contribuições de autoras negras para a literatura e a sociedade. O presente trabalho, fundamenta-se em ações pedagógicas participativas e na análise de práticas discursivas mediadas pela leitura literária, pela análise de produções culturais e pela produção oral dos estudantes. Os resultados apontaram avanços significativos na postura crítica, no domínio da linguagem e na consciência social dos alunos, consolidando o projeto como experiência exitosa de educação antirracista.

A metodologia adotada foi de natureza qualitativa e descritiva, baseada na observação participante e no registro das ações realizadas em sala de aula. As atividades foram desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2024 com uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, composta por adolescentes entre 14 e 16 anos.

Para execução de todas as ações elencadas aqui foram utilizados alguns instrumentos pedagógicos, como roda que conversa, que criou um ambiente mais descontraído e propício ao diálogo, sempre mediado pelo professor. Também foi utilizado o gênero discursivo oral seminário, por possibilitar a exposição de temáticas com o auxílio de materiais de apoio. Como ampliação da temática foi usado o recurso

audiovisual, por ser um recurso multimodal que instiga não só pelo enredo, mas pelas cores, imagens, trilha sonora, dentre outros, sendo, inclusive um recurso para incentivar a leitura, que não se limita ao texto verbal escrito.

A coleta de dados ocorreu de maneira empírica, por meio da observação das interações dos estudantes, dos relatos escritos e das apresentações orais realizadas. Como ferramentas complementares, foram utilizados o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, e o filme “A Melhor Cartada” (Netflix, 2024), os quais subsidiaram debates e reflexões sobre o protagonismo feminino, a violência contra a mulher e a herança do racismo estrutural na sociedade contemporânea.

A partir da utilização desses instrumentos foram trabalhadas as habilidades de Língua Portuguesa que envolvem leitura, compreensão e interpretação de textos literários, inferir os valores e práticas sociais que permeiam os textos literários, incentivar a produção literária e cultural. Além das habilidades de língua portuguesa, foram desenvolvidas habilidades da área de história, que perpassam a discussão sobre as diversidades identitárias e a herança história que está ligada a elas, e as habilidades de artes que são norteadas por identificar as influências de diversas culturas e matrizes estéticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo da história, a mulher — especialmente a mulher negra — passou, por muito tempo, despercebida e propositalmente apagada e silenciada, em várias esferas da sociedade, e na literatura essa prática não foi diferente. Porém, grandes nomes como o de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Jarrid Arraes, Djamila Ribeiro, dentre outras, têm mudado o curso dessa história, inserindo-as em um lugar que já deveriam ocupar há muito tempo. Pois, como ressalta Soares e Jorge (2020):

Historicamente, a mulher negra foi colocada à margem das ordens estabelecidas pelo sistema patriarcal, desse modo, o movimento para dar visibilidade a textos literários de mulheres negras é fundamental para desconstruir o discurso dominante e para o reconhecimento das potencialidades femininas negras. (Soares e Jorge, p.71, 2020)

Assim, faz-se necessário trazer essa discussão, tão pertinente para o centro da sala de aula, a fim de combater preconceitos enraizados que se perpetuam e se manifestam em pequenas falas disfarçadas de brincadeira que cercam nosso cotidiano. Além deste tema

está totalmente alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no que tange o objetivo 5 “Igualdade de gênero” e o objetivo 10 “Reduzir as desigualdades”.

Outra questão que permeia a prática docente, principalmente do professor de Língua Portuguesa, é o trabalho com todas as modalidades da língua, mais especificamente com a oralidade que, apesar de atravessar quase todas as nossas práticas do cotidiano, ainda não é amplamente explorada na escola.

A esse respeito, BORTONI-RICARDO (2004) introduziu uma nova nomenclatura concernente aos níveis da linguagem, trazendo o novo conceito de oralidade-letrada, que diz respeito à fala monitorada que é exigida no uso de alguns gêneros discursivos da oralidade, como a roda de conversa e o seminário, e que precisa ser trabalhado na escola para que o aluno, durante seu período escolar, seja preparado para as mais diversas situações comunicativas.

A noção de oralidade-letrada, proposta por Bortoni-Ricardo (2004), desloca o foco da simples habilidade de falar para a competência comunicativa situada, que exige planejamento, adequação linguística e consciência discursiva. Em contextos formais, como apresentações, debates e seminários, o domínio dessa modalidade de fala representa uma condição fundamental para o exercício da cidadania e para o acesso pleno à cultura letrada. Assim, a escola, enquanto espaço de mediação linguística e social, deve promover situações pedagógicas que permitam ao estudante transitar entre os diferentes registros da língua, compreendendo a importância de ajustar sua fala conforme o interlocutor, a intenção comunicativa e o contexto de uso. Essa perspectiva ultrapassa a visão tradicional da oralidade como prática espontânea e a reposiciona como objeto legítimo de ensino, reflexão e avaliação.

Nessa direção, o trabalho com a oralidade-letrada, quando articulado a temas socialmente relevantes, como a educação antirracista e o protagonismo feminino negro, ganha um papel formativo ainda mais potente. Ao desenvolver atividades que envolvem gêneros orais, a exemplo de rodas de conversa, debates e seminários, o professor oferece aos alunos oportunidades de construir sentidos coletivos, exercitar a escuta ativa e valorizar a diversidade de vozes que compõem o espaço escolar. Além de aprimorar habilidades linguísticas, tais práticas contribuem para o fortalecimento da autoestima, da empatia e do pensamento crítico, aspectos indispensáveis à formação de sujeitos capazes de se posicionar com segurança e respeito nas esferas pública e privada da vida social.

Desse modo, pode-se afirmar que o trabalho com a oralidade-letrada na escola transcende o campo da linguagem e alcança dimensões sociais, culturais e políticas do

ato de comunicar. Ao possibilitar que os estudantes se reconheçam como produtores legítimos de discurso, a prática pedagógica baseada nessa perspectiva contribui para romper silenciamentos históricos e promover a equidade de vozes no espaço escolar. Assim, ao integrar a oralidade formal ao debate sobre diversidade, respeito e representatividade, especialmente no que se refere às mulheres negras, o ensino de Língua Portuguesa assume um papel emancipador, formando sujeitos críticos, conscientes de sua identidade e capazes de intervir, com autonomia e responsabilidade, na construção de uma sociedade mais justa e plural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações aqui analisadas foram desenvolvidas em uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental, Anos Finais, composta por adolescentes entre 14 e 16 anos. No diagnóstico inicial, observou-se a presença de comportamentos e discursos permeados por expressões de racismo e misoginia sistêmico, muitas vezes disfarçadas de brincadeiras e naturalizadas nas relações cotidianas. Diante dessa constatação, tornou-se imprescindível a implementação de um trabalho sistemático voltado ao desenvolvimento do respeito mútuo, da consciência crítica e da oralidade-letrada, compreendida como prática discursiva mediada pela escuta e pelo diálogo ético.

O percurso metodológico foi delineado em três etapas complementares. A primeira consistiu na apresentação e discussão de materiais pedagógicos que relacionavam as temáticas de gênero e raça, tomando como base um poema e um filme. Em seguida, promoveu-se uma roda de conversa orientada pelo docente, com o duplo propósito de aprofundar as leituras e de estimular o uso da oralidade-letrada, em um ambiente que valorizasse o turno de fala, a argumentação e o respeito às divergências. Por fim, realizou-se um processo de preparação e orientação para a produção de seminários, envolvendo desde a pesquisa e organização dos conteúdos até o desenvolvimento de competências comunicativas adequadas ao gênero discursivo formal.

Na etapa inicial, foi explorada a unidade temática sobre preconceito do livro *Português: Linguagens*, de Cereja e Vianna (2022), tendo como eixo o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo. O texto poético serviu como ponto de partida para a reflexão acerca da invisibilização das mulheres negras na história literária brasileira. A biografia da autora foi apresentada como exemplo de resistência e representatividade,

evidenciando a importância da mulher negra no cenário literário contemporâneo. Esse momento de contextualização provocou reações de espanto e indignação entre os estudantes, que demonstraram surpresa diante do apagamento histórico das escritoras e da necessidade de pseudônimos masculinos para a publicação de suas obras em períodos anteriores.

Após a leitura e a análise do poema, os alunos participaram de uma checagem de compreensão e elaboraram comentários sobre a progressão temática construída por Evaristo, que revisita o período da escravidão a partir da perspectiva de diferentes gerações de mulheres. A ênfase nas estrofes finais, nas quais emergem vozes de esperança e libertação, favoreceu a construção de sentidos sobre resistência e superação. A partir dessas discussões, o grupo foi instigado a refletir criticamente sobre a permanência do preconceito racial e de gênero na sociedade atual, reconhecendo, inclusive, a presença de expressões discriminatórias em seu próprio repertório linguístico cotidiano.

Complementando essa reflexão, foi apresentada a narrativa jornalística “A Mulher da Casa Abandonada”, disponível na plataforma Spotify, que relata o caso real de Margarida Bonetti, acusada de manter uma mulher em condição análoga à escravidão nos Estados Unidos. O episódio gerou intensa curiosidade e indignação entre os estudantes, que, após ouvirem trechos do podcast, debateram sobre as continuidades históricas da opressão e sobre a urgência de uma postura ética diante de práticas de violência e subalternização. Essa atividade evidenciou o potencial do trabalho com mídias digitais para fomentar o senso crítico e ampliar o letramento social dos alunos.

Na segunda etapa, foi exibido o filme “A Melhor Cartada” (Netflix, 2024), cuja trama aborda a violência doméstica e o silenciamento da mulher em contextos culturais distintos. A escolha da obra fundamentou-se na concepção de Duarte (2002), segundo a qual o cinema constitui uma prática social de formação cultural e educacional tão significativa quanto a leitura de textos literários. Durante a exibição, observou-se o envolvimento e a empatia dos estudantes com as personagens femininas, em especial com Saumya Druv, vítima de abusos, e com Vidya Jyothi, policial que simboliza a luta pela justiça. O enredo suscitou debates sobre o papel da sociedade na naturalização da violência contra a mulher e a necessidade de romper com paradigmas que legitimam a desigualdade de gênero.

Encerrada a exibição do filme, realizou-se uma roda de conversa mediada, na qual os alunos discutiram temas como o tratamento dispensado às mulheres em diferentes culturas, o silenciamento de vítimas de violência e as manifestações sutis de misoginia presentes no cotidiano. O debate caracterizou-se pelo respeito mútuo, pela escuta ativa e pela equidade na distribuição da fala, aspectos centrais para o fortalecimento da oralidade-letrada. Como atividade de síntese, os estudantes redigiram relatos reflexivos, nos quais demonstraram reconhecimento da gravidade das práticas discriminatórias e expressaram indignação com as desigualdades persistentes. Notou-se, inclusive, a participação engajada de alunos do sexo masculino, que problematizaram seus próprios comportamentos e discursos.

Na etapa final, a prática pedagógica concentrou-se na orientação sobre o gênero seminário, enfatizando suas características estruturais, o planejamento discursivo e a escolha lexical adequada a contextos formais. A preparação incluiu ensaios, elaboração de materiais de apoio e divisão das equipes temáticas. As seis equipes formadas ficaram responsáveis por pesquisar e apresentar a trajetória de autoras negras de relevância nacional: Carolina Maria de Jesus, Cidinha da Silva, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro. As apresentações revelaram compreensão conceitual, engajamento e sensibilidade social, destacando a importância das escritoras enquanto símbolos de resistência e representatividade.

Além das apresentações orais, os estudantes produziram trabalhos escritos e cartazes, que foram expostos em mural coletivo na escola, configurando-se como produto pedagógico e instrumento de socialização do conhecimento. As observações registradas durante essa etapa demonstraram avanços expressivos na segurança comunicativa e na consciência linguística dos alunos. Percebeu-se maior controle sobre o uso da linguagem, respeito aos turnos de fala e redução de marcas da oralidade não monitorada. Tais resultados evidenciam o impacto positivo do projeto tanto no campo da formação linguística quanto na construção de valores éticos e humanitários.

Dessa forma, a análise dos resultados permite afirmar que o projeto alcançou seus objetivos principais: fomentar a oralidade-letrada e promover a conscientização acerca do combate ao racismo e à misoginia estrutural. As práticas realizadas contribuíram para a resignificação das relações interpessoais no ambiente escolar e para a consolidação de uma pedagogia comprometida com a diversidade e com os direitos humanos. Em perspectiva mais ampla, a experiência reafirma o papel da escola pública como espaço de

resistência e transformação social, onde a voz do aluno — especialmente das mulheres negras e demais grupos historicamente marginalizados — pode finalmente ecoar como instrumento de emancipação e justiça.

Assim, os resultados e discussões apresentados confirmam que o trabalho pedagógico pautado na oralidade-letrada e na valorização do protagonismo feminino negro ultrapassa o âmbito linguístico e alcança dimensões éticas, sociais e formativas. As práticas realizadas não apenas aprimoraram a competência comunicativa dos estudantes, mas também promoveram a reflexão crítica e a sensibilidade diante das desigualdades de gênero e raça. Essa experiência evidencia que a literatura e o diálogo, quando articulados de forma intencional e interdisciplinar, constituem caminhos eficazes para uma educação verdadeiramente emancipadora, princípio que orienta as considerações finais desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados obtidos permite afirmar que o projeto *Elas no Comando: protagonismo feminino negro na literatura brasileira* consolidou-se como uma prática pedagógica transformadora, capaz de articular linguagem, literatura e consciência social em um mesmo processo formativo. O desenvolvimento das atividades revelou que o ensino da oralidade-letrada, quando associado a temáticas de gênero, raça e representatividade, não apenas amplia o domínio comunicativo dos estudantes, mas também desperta neles o senso de pertencimento, o respeito à diversidade e a responsabilidade ética diante das relações humanas.

Constatou-se que os objetivos propostos foram plenamente alcançados, tanto no que se refere à conscientização sobre preconceitos estruturais — ainda enraizados em práticas e discursos cotidianos — quanto à valorização das vozes femininas negras como protagonistas da história e da cultura. O engajamento dos alunos nas rodas de conversa, nas análises de textos literários e nas apresentações orais evidenciou o fortalecimento da escuta ativa e da autonomia discursiva, indicando o avanço no processo de construção da oralidade-letrada. Além disso, observou-se que a escola se configurou como espaço de acolhimento e reconstrução simbólica, em que a palavra se tornou instrumento de empoderamento e emancipação.

Com base nos resultados, conclui-se que projetos de natureza interdisciplinar e humanizadora, como este, contribuem de forma significativa para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Ao integrar literatura, cinema, debate e escrita reflexiva, o trabalho reafirma o papel social da educação na desconstrução de preconceitos e na promoção de uma cultura de paz, equidade e justiça. Ressalta-se, contudo, que a consolidação dessas práticas requer continuidade, formação docente permanente e políticas públicas que assegurem a inserção da educação antirracista e da perspectiva de gênero no currículo escolar de modo efetivo e permanente.

A experiência desenvolvida no âmbito do projeto *Elas no Comando* demonstra que o ato de educar, quando alicerçado no diálogo, na sensibilidade e no compromisso ético, pode se tornar um gesto político de resistência e esperança. A palavra — oral ou escrita — emerge, assim, como ferramenta de transformação individual e coletiva, capaz de ressignificar histórias, fortalecer identidades e construir uma escola mais democrática, plural e humanizada.

Dessa forma, reafirma-se que o compromisso ético e político da escola ultrapassa a mera transmissão de conteúdos: ele se concretiza na escuta atenta, na valorização das diferenças e na promoção de experiências que humanizam o processo educativo. O professor, enquanto mediador crítico, deve compreender seu papel como agente de transformação social, capaz de romper silenciamentos históricos e de abrir caminhos para que novas vozes ocupem espaços de fala e poder. Promover o protagonismo feminino negro, portanto, não é apenas um gesto pedagógico, mas um ato de resistência e justiça que reafirma a educação como território de emancipação, consciência e esperança.

REFERÊNCIAS

A melhor cartada. Direção de Shashanka Chaturvedi. Netflix. 25 de outubro de 2025. 67 min. www.netflix.com, acessado em 25/10/2025;

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base.** – Brasília, DF: Inep, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996;



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018;

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua materna**: a Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004;

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EVARISTO, Conceição. In: SANTOS, Luis C. dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (org.). **Antologia da poesia negra brasileira**: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005. P. 74-75;

SOARES, C. M.; LORENA DA SILVA JORGE, G. **Mulher negra na literatura**: a palavra como instrumento de luta e resistência: Black women in literature: the word as an instrument of struggle and resistance. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 29, n. 3, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2020v29n3.53133. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/53133>. Acesso em: 28 out. 2025